

ALFABETIZAÇÃO E NOVOS APRENDIZADOS: ONDE FALHAMOS?

Eliane Figueira Rodrigues, Maria Angélica Gomes Maia

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, elianefigueirarodrigues@gmail.br, mamaia@univap.br

Resumo

Este resumo estendido é um relato da experiência realizada via Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, em parceria com a E.M.E.F. Maria Aparecida dos Santos Ronconi. Com foco no atendimento de crianças oriundas de famílias não letradas, classe D e E e que apresentam dificuldade na alfabetização. O objetivo geral é auxiliar na alfabetização dessas crianças com uso dos métodos propostos pelo Plano Nacional de Alfabetização (PNA) e Relatório Alfabetização Infantil (RAI). O objetivo específico é verificar se essa aplicação entrega resultados superiores ao formato socio-interacionista em uso pela rede municipal. A metodologia utilizada é a pesquisa-ação. Os alunos do PIBID demonstraram uma recuperação de aprendizagem superior ao habitual deles, demonstrando a viabilidade de novos estudos de implementação das instruções do PNA e RAI na rede municipal.

Palavras-chave: Alfabetização. Método fônico. Vulnerabilidade social. Caderno PNA. Alfabetização Infantil.

Área do Conhecimento: INID (Humanas)

Introdução

A rede municipal de São José dos Campos apresentou, na primeira avaliação diagnóstica de 2025, os índices de proficiência nas competências leitora e escritora apresentados na Figura 1, contra a meta do município de alfabetizar 100% das crianças até o final do segundo ano Ensino Fundamental.

Figura 1 – Porcentual de Alcance da Meta

Porcentual de alcance da meta

META 1 Elevar em 10% em cada ciclo avaliativo, a proficiência nas competências leitora, escritora e matemática na Rede.

	1º ano				2º ano				3º ano				4º ano				5º ano			
	Leitura (habil.)	Mat. (habil.)	Escrita (habil.)	Cálculo (habil.)	Leitura (habil.)	Mat. (habil.)	Escrita (habil.)	Cálculo (habil.)	Leitura (habil.)	Mat. (habil.)	Escrita (habil.)	Cálculo (habil.)	Leitura (habil.)	Mat. (habil.)	Escrita (habil.)	Cálculo (habil.)	Leitura (habil.)	Mat. (habil.)	Escrita (habil.)	Cálculo (habil.)
Ciclo I	33%	41%	38%	32%	11%	49%	32%	43%	46%	52%	41%	33%	67%	65%	49%	39%	74%			
	6º ano				7º ano				8º ano				9º ano				10º ano			
Ciclo I	77%	44%	48%	41%	56%	26%	44%	55%	52%	34%	47%	52%	44%	18%	36%	62%				

Fonte: Secretaria de Educação de São José dos Campos

Os alunos atendidos pelo PIBID nestas turmas provém de famílias das classes D e E, com a maioria vivendo em situação de vulnerabilidade social e sem acesso, em suas casas, a livros ou a cultura letrada.

O Pré I e II da rede municipal têm como meta que os alunos realizem a escrita autônoma do próprio nome e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, ou seja, também não oportuniza à essas crianças um acesso significativo ao mundo letrado.

Esta soma de fatores, conjuntura familiar e escopo da Educação Infantil, faz com que a maioria das crianças cheguem ao Fundamental I sem a base necessária para iniciar um aprendizado pela exposição a textos e formulação de hipóteses, conforme proposta da mesma Rede. Em geral, crianças geradas nessas condições chegam ao Fundamental I sabendo apenas falar a sequência do alfabeto e o nome de alguns grafemas.

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

Como dito, uma vez no Fundamental I a alfabetização proposta pela rede é por meio de um conceito sócio-interacionista, no qual espera-se que pela exposição aos diferentes gêneros textuais a criança perceba, por si, a lógica alfabética e, assim se alfabetize. Isto pode ser especialmente difícil para crianças que chegam ao Fundamental I sem acesso prévio à cultura letrada.

Por outro lado, o Relatório Alfabetização Infantil - RAI, traz em uma revisão de literatura, os conceitos da Neurociência que revolucionaram a educação em diferentes países, retirando "a alfabetização do campo da intuição, amadorismo, empirismo e da especulação teórica para adquirir foros de Ciência Experimental" (Alfabetização Infantil: os novos caminhos, 2003, p.8). Esse conceito foi reeditado no Plano Nacional de Alfabetização - PNA de 2019.

Para o desenvolvimento do trabalho pedagógico no PIBID foram eleitos o PNA, o RAI, as recentes descobertas das Neurociências e o ensino explícito e sistematizado da rota fonológica, buscando por esse caminho oportunizar uma chance diferente de alfabetização à comunidade atendida. Neste ponto, vale lembrar, como nos ensina Magda Soares (2003), que o objetivo da alfabetização deve ser o atendimento da criança e não o atendimento de um ou outro método.

Metodologia

Este trabalho é uma pesquisa-ação delimitada a partir da dificuldade de alfabetização de um grupo de alunos, da observação das salas de aula e do material pedagógico do 1º ano do Fundamental I.

Em função da realidade observada e dos conhecimentos anteriores do bolsista foi realizada pesquisa bibliográfica para a alfabetização de crianças com baixa literacia familiar. Foram consultados sobretudo o Plano Nacional de Alfabetização - PNA, o Relatório Alfabetização Infantil – RAI e autores que trabalham com as bases propostas por estes documentos.

Toda práxis aplicada no PIBID é embasada nesta pesquisa bibliográfica.

Resultados

Os alunos são expostos ao PIBID algumas horas por semana e no restante são expostos ao modelo em uso na rede. Não conseguimos um retorno em termo de notas do progresso dos alunos, o que dificulta a validação de resultados.

Assim, o que podemos considerar são: o acolhimento positivo do PIBID dentro dessa comunidade escolar, as declarações da direção e coordenação sobre a melhoria de aproveitamento dos alunos participantes do projeto, o apoio dos professores que reconhecem o progresso dos alunos atendidos, a busca dos pais para manterem seus filhos no projeto e pedidos de pais de alunos não atendidos para a inclusão destes no PIBID.

Viu-se, através de avaliações orais e escritas, realizados ao final das instruções e trabalhos, que a maioria das crianças atendidas superou parte das lacunas de alfabetização básica e por receberem instrução explícita desenvolveram um modelo mental que vem facilitando os novos aprendizados, cumprindo assim os objetivos do projeto.

Desse modo, pode-se considerar que a aplicação dos conceitos apresentados no PNA e RAI mostram-se adequados para a alfabetização para as crianças com baixa literacia, onde a formulação de hipóteses torna-se cansativa e frustrante por faltar a essas crianças elementos estruturais para a alfabetização, tais como a consciência fonológica, vocabulário, noção de palavra, entre outros.

Discussão

Nos primeiros dias do PIBID foi possível ter, entre outros itens, a salas de aula do primeiro ano do Fundamental I e as apostilas disponibilizadas para essas turmas. Foi perceptível a excelente formação, dedicação e compromisso da docente. Por outro lado foi percebido nos alunos: motricidade fina insuficiente e inexistência da consciência fonológica.

Quanto ao material didático o contato foi com oito livros envolvendo diferentes áreas de conhecimento; em sua maioria com uma diagramação deficitária, cansativa ao olhar na qual, esparsamente estavam apresentados os conteúdos de alfabetização, não parecendo assim, próprios ao fim a que se destinam.

Diante desse cenário buscou-se o aprofundamento dos conceitos de alfabetização publicados no PNA e no RAI, o que confirmou a dicotomia entre esses documentos e a realidade observada na sala de aula.

Na figura 2, que segue, temos a listagem dos principais documentos publicados pelo Estado, sobre a Alfabetização Infantil entre os anos de 1988 e 2018.

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

Silva, dentro do PNA, traduz o que significa estar alfabetizado em termos precisos:

“Do ponto de vista operacional, alfabetizar é: no primeiro ano do ensino fundamental, ensinar explicitamente o princípio alfabético e as regras de decodificação e de codificação que concretizam o princípio alfabético na variante escrita da língua para habilitar crianças à leitura e soletração de palavras escritas à razão de 60 a 80 palavras por minuto com tolerância de no máximo 5% de erro na leitura.” (PNA, 2019, p.18)

Logo, o objetivo principal da alfabetização é aprender a codificar e decodificar grafemas-fonemas e o aprendizado competente desse processo abre as portas para os aprendizados e a literacia que se segue.

A ciência cognitiva da leitura afirma, ao contrário do que supõem certas teorias que “a aprendizagem da leitura e da escrita não é natural nem espontânea. Não se aprende a ler como se aprende a falar. A leitura e a escrita precisam ser ensinadas de modo explícito e sistemático, evidência que afeta diretamente a pessoa que ensina (DEHAENE 2011). Por isso os professores também estão entre os principais beneficiados desse ramo da ciência” (PNA, 2019, p.20).

Os estudos das neurociências extrapolam os processos neurobiológicos e alcançam a importância da interação e contribuição mútua entre os aspectos neurobiológicos e ambientais / socioemocionais, além das diversas possibilidades adaptativas de aprendizagem em casos de dificuldades nesses aspectos. (ALVES, 2020).

Estes estudo ressaltam a importância da alfabetização pelo método fônico explícito e estruturado, pois em escritas alfabéticas, como o português, letras representam fonemas (sons que marcam distinção em uma língua). Portanto, para ler, é condição indispensável associar a palavra escrita (sequência de letras) a seu significante sonoro (pronúncia da palavra/imagem acústica), a fim de ativar o significado necessário à compreensão de palavras, expressões, textos. (Gabriel, 2020).

Na apresentação do livro “Alfabetização Fônica”, Seabra e Capovilla (2005), discorrem:

A revisão de toda a bibliografia científica publicada sobre alfabetização nos últimos oitenta anos demonstrou a clara superioridade do método fônico, razão pela qual esse método é oficialmente recomendado por organismos como o Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano dos Estados Unidos, o Observatório Nacional de Leitura da França, o Departamento de Educação e Emprego do Reino Unido e o Departamento de Educação de Base de Portugal, entre tantos outros. O método fônico é oficialmente adotado pelos governos dos países que se destacam mundialmente pela qualidade da alfabetização e do ensino fundamental, como Finlândia, Canadá, Austrália, Irlanda, Inglaterra, Escócia, Suécia, Bélgica, Noruega, França, Estados Unidos, Dinamarca, Espanha, Itália, Alemanha, Cuba, Israel e Portugal. No Brasil, do mesmo modo, esse método foi oficialmente recomendado pela Comissão Internacional de Especialistas, em seu relatório final intitulado Alfabetização infantil: os no-voos caminhos, publicado pelo Congresso Nacional em 2003. Composta pelos maiores especialistas em alfabetização dos Estados Unidos, França, Inglaterra, Bélgica e Brasil, essa comissão foi convocada pela Câmara dos Deputados Federais para mostrar como tirar o nosso País da posição de recordista mundial de deficiência de alfabetização. A comissão apontou, com firmeza e fundamentação, o método fônico como o caminho cientificamente demonstrado para obter competência de leitura e escrita. (Seabra e Capovilla apud PNA, 2019, p.)

Em suma, o código da escrita alfabética não é um código natural, é um sistema complexo e requer instruções explícitas para sua assimilação. Com base na literatura acima apresentada foram desenvolvidas as atividades do PIBID que são relatadas na sequência.

No primeiro bimestre foram atendidos alunos de seis a sete anos de idade, em três turmas do primeiro ano, com aulas de cinquenta minutos por turma, duas vezes por semana.

Esses chegaram ao PIBID conhecendo, em geral, os grafemas sem saber a relação com fonemas. Em torno de 50% não reconhecia o nome das letras se ditas separadamente, ou seja, sabiam apenas discursar o abecedário em sua sequência; 30% deles identificava as rimas, 70% confundia rima com aliteração e dificuldades em perceber nuances das sonoridades, sem conceito de palavra, sílaba ou qualquer indício de consciência fonêmica. Em sua maioria com um vocabulário pobre e a motricidade fina pouco desenvolvida.

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

Assim, para atender a realidade apresentada o foco foi desenvolver os pilares da consciência fonológica, a saber: Rima, Aliteração, Consciência Silábica e Consciência de Palavras. Visto o curto tempo de aula focou-se sobretudo na apresentação, conscientização e fixação da relação grafonêmica visando o desenvolvimento da consciência fonológica, ou seja, da capacidade de detectar, manipular e analisar aspectos da linguagem falada, pois “o conhecimento do som das letras é um pré-requisito para a identificação eficaz das palavras. “A principal diferença entre leitores bons e ruins é a capacidade de usar correspondência letra-som para identificar palavras” (Juel apud Proleia, havia um grupo

2023).

Foram utilizadas atividades orais para o desenvolvimento da consciência de palavras, rima, aliteração e aumento de vocabulário; atividades de escrita começando com os sete grafemas do “a,e,i,o,u” e as pequenas palavras construídas apenas por encontros vocálicos, de modo a favorecer a acomodação cognitiva da mecânica da junção dos sons, como: oi, eu, ai, aí, ou, au-au, ao, ia, ei.

Estas dinâmicas envolveram a apresentação e manipulação em lousa e cards, alfabeto móvel, leitura conjunta, leitura individual em voz alta, escrita em papel e na lousa, seguida de ditados para checagem da assimilação; sempre com muitas imagens associadas e a contextualização dessas palavras em cenários significativos para a idade deles, além das muitas “boquinhas” do método fônico.

Mostrou-se complexo para eles a associação do grafema “E” aos fonemas /e/ e /é/ e o grafema “O” aos fonemas /o/ e /ó/, pois era um conceito estranho uma mesma letra ter dois sons, mas com repetição foi assimilado. A abertura a essa dupla sonoridade de um grafema é fundamental não apenas para as vogais, pois ocorrerá também em diversas consoantes e dígrafos.

Com a posse da relação grafema-fonema e da junção de fonemas formar palavras iniciou-se o estudo das consoantes pelos fonemas fricativos. Neste ponto viu-se o quanto eles aprenderem os grafemas na Educação Infantil sem os fonemas é um dificultador da alfabetização.

Para eles soa ilógico que /f/ + /a/ forme /fa/, afinal não lhes foram apresentados os fonemas do alfabeto, assim, a lógica deles parte do grafema, onde F + A é o mesmo que /efe/ + /a/ que é igual a /feea/. Segundo a Neurociência o cérebro aprende a ler por duas rotas: a fonológica ou a lexical. Como o método utilizado na rede não ensina a rota fonológica, eles aprendem primeiro pela rota lexical, na qual /efe/ + /a/ realmente é igual a /feea/.

As práticas utilizadas no PIBID envolvem instrução explícita, sala de aula invertida, rodas de conversa, aprendizagem por estações e jogos, livros e discussões, teatralizações, danças e comemorações por cada sucesso obtido; sempre tomando por base materiais construídos por autores que trabalham a partir de evidências científicas e estão apresentados na Discussão.

Apesar do pouquíssimo tempo do projeto, em torno de 70% das crianças obtiveram progresso no seu processo de alfabetização, conforme informações da coordenadora PIBID na unidade, gestão e professoras do EMEF Ronconi.

Após sete semanas ocorreu a mudança da turma atendida.

Na nova turma foram recebidas quatro turmas de alunos, do segundo ao quinto ano do Fundamental I. Duas turmas tiveram 140 minutos sequenciais de aula, uma vez por semana, que possibilitou um tempo favorável de ensino aprendizagem. Outras duas turmas tiveram apenas 50 minutos de aula uma vez por semana, um tempo muito curto para fixação dos conteúdos.

Para os alunos de segundo e terceiro ano a práxis foi muito parecida a das turmas do primeiro ano do primeiro bimestre, anteriormente relatado, pois as dificuldades eram similares.

A turma do quarto e quinto ano trouxe um cenário diferente. Crianças em vulnerabilidade: um aluno de dez anos chefe de família, outro da mesma idade que controlava totalmente a mãe, filhos ou irmãos de pessoas em cumprimento de pena ou dependentes químicos e dois irmãos que até então viveram em abrigo, e somente agora, após a adoção têm a oportunidade de frequentar a escola regularmente.

Visto a delicadeza do cenário, para esse grupo, o trabalho envolveu um acolhimento ainda mais cuidadoso, pois não poderia se perder o vínculo de confiança e autoestima trabalhado neles pela professora de reforço do Ronconi e equipe, que conseguiram nesse ano o aprendizado efetivo de sílabas simples e uma autoestima merecida. A orientação da professora de reforço para o PIBID foi o trabalho com as sílabas complexas.

Iniciamos com uma dinâmica em grupo baseada no livro “O Monstro das Cores” de Anna Llenas e ao se abrirem ao diálogo a maior parte relatou que a emoção que mais os acompanha é a raiva; o tema foi tratado com muita delicadeza pois ali havia um grupo de crianças marcadas pelo sofrimento, mas cuja gentileza surpreendente era a prova de sua resiliência.

Foram apresentadas, com diferentes recursos e de forma explícita a mecânica da operação, por exemplo, de como o “L” se coloca entre uma consoante e uma vogal, em uma estrutura CCV, gerando um “BLA” e de como isso se aplica as diversas consoantes.

As práticas utilizadas foram as mesmas do bimestre anterior e igualmente tomando por base materiais construídos por autores que trabalham a partir de evidências científicas. A formulação de hipóteses foi amplamente incentivada, porém, sempre dentro da zona de desenvolvimento proximal.

Conclusão

Pode-se concluir pelos resultados obtidos que os métodos de alfabetização atualmente utilizados na rede municipal de São José dos Campos merecem ser repensados considerando o emprego das orientações do PNA e do RAI. Isso pode ajudar crianças a se alfabetizarem de forma mais rápida e talvez mais equânime, gerando uma autoestima que leve-os a gostar de aprender e ao letramento.

Outro ponto importante a ser discutido é a transição do Pré II para o Ensino Fundamental, pois parece existir uma lacuna de conteúdos que poderia ser suprida na Educação Infantil, sem invasão desta preciosa fase do desenvolvimento, com métodos cientificamente embasados, estruturados e adequados a esta fase de desenvolvimento, ou seja, com muita diversão.

Enquanto sociedade temos de pensar sobre o que ocorre primeiro para a maioria das crianças: a alegria pela capacidade de “descobrir” os códigos do sistema alfabético – aprender a ler e escrever, ou a “tristeza” por não conseguir “descobrir” e a frustração que se segue por meses ou anos em suas vidas, quiçá desembocando em desistência velada, evasão escolar ou analfabetismo funcional.

A resposta pode estar nos resultados obtidos nas avaliações oficiais de alfabetização.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: Mai 2025.

BRITES, Luciana. **Proleia**: guia de implementação prática para a alfabetização. Londrina: Ed. Neurosaber, 2023.

DEHAENE, Stanislas. **É assim que aprendemos**: Porque o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...). São Paulo: Ed. Contexto, 2022.

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL “PROFESSORA MARIA APARECIDA DOS SANTOS RONCONI, Adequação do Projeto Político Pedagógico do Biênio 2023/2024. São José dos Campos, 2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Ed. Penso, 1999.

ALVES, . Nome da Palavra. In: GLOSSÁRIO CEALE. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, UFMG Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. Acesso em 01 junho 2025. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao#:~:text=Em%20síntese%2C%20alfabetização%20é%20o,grafemas%2C%20os%20fonemas%20da%20fala>.

SEABRA, Alessandra; CAPOVILLA, Fernando. **Alfabetização Fônica**: construindo competência de leitura e escrita. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, professores da Universidade do Vale do Paraíba – Univap e equipe da EMEF Maria Aparecida dos Santos Ronconi, aos quais agradeço sinceramente pela oportunidade de aprendizado.